



Relatório: *Regionalismo, Modernização e Crítica Social: representações literárias do Nordeste na primeira metade do século XX*

Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN)

O PROJETO *Regionalismo, Modernização e Crítica Social: representações literárias do Nordeste na primeira metade do século XX*, contemplado na chamada do Edital MCT/CNPq 15/2007 - Universal realizou um estudo circunstanciado da literatura brasileira na primeira metade do século XX, com ênfase na análise das pressões exercidas por influxos modernizadores na região Nordeste e das diferentes formas de acomodação e conflito entre regionalismo e modernidade. O projeto contemplou também investigações da dinâmica da produção literária de diferentes estados, no período, procurando definir se as situações locais chegam a definir subsistemas, em temporalidades diferenciais e heterogêneas, em relação ao sistema literário nacional. Além disso, foram percebidas linhas de força que se estabeleceram na longa trajetória do regionalismo, a partir do Romantismo, e chegaram até o período estudado, com marcas históricas importantes. Finalmente, a função de denúncia de boa parte dessa literatura foi redimensionada na atualidade, principalmente o romance de 30, definindo-lhe o estatuto crítico em tempos de informação e globalização, o que se percebe na produção científica resultante do projeto, especialmente no livro *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira* (2009).

O projeto integrou de forma institucional pesquisadores que já vinham desenvolvendo pesquisas sobre a questão do Regionalismo e suas representações literárias no âmbito do chamado sistema literário brasileiro, especialmente no contexto do que a crítica considera como “romance de 30”, com influxos na produção literária das décadas seguintes do século XX até a contemporaneidade. O pressuposto era de que a questão do regionalismo na literatura brasileira ainda permitia uma ampla discussão acadêmica, levando-se em consideração o debate promovido pelas principais associações de pesquisadores (ABRALIC, ABRALIN, ANPOLL) e de programas de pós-graduação nas áreas de Letras e de Linguística.

Efetivamente, a noção de regionalismo reside no campo extraliterário e é construída historicamente, mas tem sido imprescindível à vida literária do país. No primeiro volume de *Formação da literatura brasileira* (1975), Antonio Candido afirma que o brasileirismo na expressão foi o elemento diferenciador a partir do qual a teoria da literatura brasileira estabeleceu os seus critérios de análise. Segundo ele, essa teoria surgiu inspirada no gosto pela expressão local e pelo sentimento do exótico, gosto que

já se manifestava, por exemplo, no poema *Caramuru*, de Santa Rita Durão, que vazava o pitoresco regional no sistema erudito da oitava heróica.

Na dialética de forma europeia e matéria brasileira, o gosto pela expressão local e pelo sentimento do exótico pode ser visto como elemento impulsionador do surgimento de uma tradição, de uma tendência que se manifesta em vários momentos da história do sistema literário nacional, independente, inclusive, do que se veio a chamar de “regionalismo” e antes mesmo das delimitações geográficas, políticas e culturais das regiões do país. Tradição que agrega noções como “localismo”, “pitoresco” e “bairrismo” e que, embora esteja sempre intimamente relacionada aos significados contíguos ao conceito de regionalismo, surgiu antes mesmo da concretização das regiões. Neste sentido, pode-se falar em tradição regionalista como uma das dominantes construtivas do romance romântico brasileiro, da mesma forma que se pode relacionar essa tradição às tendências modernas da literatura brasileira e estender a sua presença até a atualidade.

Com esta compreensão, o regionalismo não ganha a visibilidade de um movimento literário, e sim de uma tradição cultural que, ao longo da história do sistema literário, ora reforça um determinado movimento, ora se opõe a outro, de acordo com as conjunturas e os atores nelas envolvidos. As questões elencadas nestes parágrafos iniciais do relatório foram contempladas no artigo “A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva (ARAÚJO, 2008), como uma produção bibliográfica resultante do projeto.

Interessava também ao projeto pensar o regionalismo sob a tensão das tendências modernizadoras - econômicas, sociais, políticas e literárias -, na primeira metade do século XX. No caso do Nordeste, isto significava ao mesmo tempo conciliar tendências de desagregação do mundo patriarcal e escravocrata, materializado no engenho, que eram fatores de modernização econômica e social, com a valorização das tradições e falas locais, fator de modernização literária, contraposto ao academicismo.

Os dois impulsos têm, como se percebe, algo de contraditório, e combinaram-se das mais diferentes maneiras, com atitudes e resultados críticos também diversos. As obras de Graciliano Ramos e José Lins do Rego, para citar os mais conhecidos, estão profundamente arraigadas nessas tensões, sem falar que o conflito modernizador

comparece também na grande quantidade de obras de alcance reduzido, conhecidas apenas nos estados de origem. Englobando estas questões, os capítulos do livro *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira* (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2009), especialmente os das partes PARTE I – “A literatura na região: construção narrativa e crítica social” e os da PARTE II – “Região e modernização: formulando conflitos”, tiveram como eixo as questões de forma, propostas em todos eles, iluminando situações sociais e políticas específicas, no cruzamento de espaços e temporalidades diversas no Brasil.

Para se chegar a uma compreensão mais especificada das relações entre regionalismo e modernização, consideramos importante a perspectiva das literaturas estaduais. Como parte do movimento integrador da literatura brasileira, estas formam subsistemas a serem entendidos em relação com a literatura e os movimentos oriundos das regiões dominantes do país e oscilam, igualmente, entre atitudes cosmopolitas e localistas. O conhecimento acumulado sobre a questão indica situações específicas em diversas regiões e estados, cuja consideração pode levar a uma visão mais complexa e historicamente diferenciada do que chamamos de regionalismo. Esta foi a tônica das discussões cujo resultado foram os capítulos da PARTE III – “A dimensão regional na literatura brasileira: períodos e permanências”, do referido livro, onde são analisados movimentos literários e culturais de regiões brasileiras, do ponto de vista formativo, como o define Antonio Candido.

Como está proposto no projeto, as discussões realizadas contemplaram três aspectos relacionados: o estatuto do narrador, o papel da violência e os princípios éticomoralizadores, de modo a configurar tendências de longo prazo, como as que foram investigadas na literatura regional da primeira metade do século XX. Neste caso, o objetivo era proporcionar uma reflexão sobre o papel que teriam hoje os romances regionalistas, do decênio de 30, na sua intenção de denúncia das mazelas sociais.

O projeto procurou investigar o Regionalismo sob três perspectivas: a do impacto modernizador, social e literário, com especificações locais; a de linhas de força históricas, atuando na composição narrativa; e, finalmente, a do redimensionamento da função de denúncia, principalmente do romance de 30, para uma perspectiva crítica ainda eficaz.

Para se pensar a especificidade do regionalismo em relação às tendências modernizadoras, em literatura, foi utilizado o suporte teórico da noção de sistema literário proposta por Antonio Candido no livro *Formação da Literatura Brasileira*.

Foram considerados, portanto, um conjunto de produtores mais ou menos conscientes de seu papel, os diversos públicos, obras interligadas por linguagem ou estilo – na situação local, abrindo um novo campo de problemas, uma vez que não é possível aplicar a mesma relação dialética estabelecida entre modelo europeu e matéria brasileira, válida para o processo formativo da literatura nacional, à situação da região e dos grandes centros do país, embora a definição do papel dos produtores e a formação de públicos, bem como uma organicidade de linguagem e estilo, tenham se concretizado de maneiras e em tempos diferentes nas diversas regiões e estados, sofrendo a influência e a pressão dos grandes centros nacionais. Considerando esses denominadores, com especificação histórica e social, pode-se investigar as especificidades das dinâmicas entre os modelos estrangeiros e a matéria brasileira no processo formativo e entre as regiões centrais e periféricas do país no processo de expansão e integração desse mesmo sistema, antes que as tendências centrífugas da globalização viessem impor novos desafios.

Como se trata de situações diferenciadas no tempo, recorreu-se à noção de temporalidades diferenciais, referida pelo historiador inglês Perry Anderson no ensaio *Modernidade e revolução* (1986). Nele, o autor questiona a perenialidade e homogeneidade da modernização, da maneira como proposta por Marshall Berman em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, contrapondo a esta uma temporalidade mais complexa, que já está na concepção de Marx do tempo histórico do modo de produção capitalista. “Tratava-se de uma temporalidade complexa e *diferencial*, em que os episódios eram descontínuos em relação uns aos outros, e heterogêneos em si mesmos” (ANDERSON, 1986, p. 6).

As duas noções, portanto, de sistema literário nacional, de Antonio Candido, e de temporalidades diferenciais, de Perry Anderson, serviram de eixo para as especificações locais das relações entre perspectiva regional e modernização. Fundamental também para este projeto é a contribuição de Antonio Candido para uma crítica que integra forma literária e processo social. Para o autor, é a integridade da obra

literária que não permite sua apreensão como uma espécie de documento, válido na medida em que apresenta um aspecto da sociedade; nem como um conjunto de operações formais, espécie de jogo autônomo, desligado da realidade e inoperante enquanto compreensão. No primeiro capítulo do livro *Literatura e sociedade* (1965/2000), intitulado *Crítica e sociologia*, Candido (p. 5) menciona a percepção ou intuição de “vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador; e isto permite alinhá-los entre os fatores estéticos”.

Com estas reflexões teóricas fundamentais para o trabalho com as obras literárias, este projeto se ocupou de maneira interdisciplinar com processos sociais, como a modernização, sendo que o próprio regionalismo exige uma visada mais ampla sobre os problemas da formação social brasileira.

A orientação básica sobre arte moderna no século XX teve como eixo as formulações de Theodor W. Adorno e Walter Benjamin. O primeiro lida, principalmente, com as formas padronizadoras da sociedade industrial e as chances de a literatura propor a relação crítica possível entre uma subjetividade precarizada e uma objetividade ao mesmo tempo inalcançável e onipresente. Benjamin lida também com a noção de empobrecimento da experiência na sociedade moderna e fornece elementos para se pensar a civilização e o progresso como empreendimentos ambíguos (o monumento à civilização que é também um monumento à barbárie, a vigilância constante para arrancar a tradição ao conformismo, a história que é contada pelos vencedores). Ambos os teóricos, oriundos da Escola de Frankfurt, na Alemanha, também refletem sobre o próprio ato crítico, procurando livrá-lo das tendências especializantes da ciência no século XX e dos modelos fixos que desvitalizam os resultados e levam, inevitavelmente, a construções homogêneas da história e da literatura.

No desenvolvimento da pesquisa, tomamos como ponto de partida os estudos já realizados acerca do regionalismo na literatura brasileira. Uma revisão bibliográfica inicial apontava para a necessidade de aprofundamento do ponto crítico, histórico, no qual se encontram a afirmação regional e o processo de modernização do país. Neste

sentido, o chamado “romance de 30” desenvolveu, tomando a região Nordeste como espaço, a crítica social como uma dominante construtiva da narrativa, de modo a acrescentar à questão das inovações técnicas a representação das tensões sociais como o elemento caracterizador da noção de “moderno” do momento. Assim problematizada, a produção literária referida carece ainda de muitos estudos, uma vez que a sua inserção na tradição literária brasileira é dinâmica e se projeta até a nossa atualidade. Em uma das mais recentes revisões bibliográficas, BUENO (2006, p. 27) observa: “... é possível projetar, para discuti-los, muitos dos elementos que fizeram do romance de 30 um passo decisivo de nossa tradição literária, cujos efeitos se espalham até hoje por toda a cultura brasileira”.

A ênfase no processo de conhecimento sobre o romance de 30, e suas projeções na literatura brasileira, determinou como critério uma seleção de obras que considera as já clássicas narrativas e também outros textos que não foram incorporados pela história da literatura que registrou o período. Além do corpus formado por obras publicadas no período considerado, foi realizada uma leitura da discussão sobre a recepção dos movimentos originários dessas matrizes narrativas, a saber: o modernismo e o regionalismo nordestino liderado por Gilberto Freyre.

Para analisar as projeções atuais do registro literário estudado, o grupo de pesquisadores relacionados no projeto empreendeu uma busca no acervo de estudos críticos que vem se realizando no âmbito dos programas de pós-graduação da área, acerca da permanência do tema regional no sistema literário brasileiro, fato que impulsionou uma discussão sobre perspectivas teóricas distintas e complementares, indispensáveis a um passo adiante nos estudos da área de Letras.

Na análise da produção referida, estabeleceu-se uma discussão sobre a crítica da época e com a crítica contemporânea, além de um diálogo constante com a leitura mais diretamente relacionada à produção cultural e literária das sociedades que compartilham problemáticas semelhantes, a saber, as sociedades da América Latina. Para isto, o projeto buscou também o aporte teórico de autores como Ángel Rama e Antonio Cornejo Polar, haja vista as suas perspectivas teóricas afins à matriz de problemas analisados por Antonio Candido, na sua vasta obra.



Relatório: ***Regionalismo, Modernização e Crítica Social: representações literárias do Nordeste na primeira metade do século XX***

Tais considerações tiveram como princípio a leitura do texto literário como fonte primordial de questionamentos, numa metodologia que se tece no entrecruzamento de visões integrativas do fenômeno literário, com aberturas interdisciplinares.

Como um desdobramento da metodologia adotada, o projeto desenvolveu atividades que visaram à integração dos seus colaboradores nos vários programas de pós-graduação relacionados, culminando na divulgação da pesquisa em eventos e através de publicações.

O primeiro resultado obtido foi uma sistematização e análise da bibliografia disponível sobre a questão do regionalismo na literatura brasileira, assim como sobre o romance de 30, numa perspectiva interdisciplinar, uma vez que a discussão pressupõe uma revisão bibliográfica sobre o tópico “modernização”. Nessa etapa inicial, foram realizados seminários no âmbito de cada universidade, como uma atividade de preparação para um encontro nacional de apresentação dos primeiros resultados parciais, evento que foi planejado no Encontro Regional da ABRALIC de 2007 e concretizado com um simpósio realizado no XI Congresso Internacional da ABRALIC, em julho de 2008 (USP, São Paulo).

Em 2008, uma parte dos pesquisadores que formam a equipe do projeto colaborou com o volume n. 74 da *Revista Letras*, da Universidade Federal do Paraná, que trouxe um Dossiê em que os autores refletem sobre a contribuição da produção intelectual de Antonio Candido para a literatura brasileira, refletindo as questões discutidas como fundamentação teórica do projeto.

Em dezembro de 2009, o Grupo de Pesquisa "Formação do Brasil moderno: literatura, cultura e sociedade" realizou o “VII Seminário de Estudos de Cultura e Literatura - 10 anos do Grupo de Pesquisa Formação do Brasil Moderno”, evento no qual foram apresentados resultados deste projeto, com significativa recepção no âmbito da comunidade universitária.

Finalmente, as discussões presentes no livro *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira* (Nankin Editorial, 2009) aparecem como principal resultado obtido com o projeto, além de dissertações e teses qualificadas e defendidas, assim como vários artigos submetidos e publicados em revistas da área, o que demonstra a consolidação da pesquisa. Este aspecto foi considerado como altamente



Relatório: ***Regionalismo, Modernização e Crítica Social: representações literárias do Nordeste na primeira metade do século XX***

positivo no encontro de avaliação final do projeto, evento realizado na UFRN, no início do ano de 2010, com a finalidade de fundamentar a preparação deste relatório.

Além dos eventos nacionais, aconteceram seminários internos ao Grupo de Pesquisa Formação do Brasil Moderno: literatura, cultura e sociedade, no âmbito das instituições envolvidas, a exemplo da Mesa-redonda “Regionalismo, modernização e crítica social”, composta pelos pesquisadores Irenísia Torres de Oliveira (UFC), Fernando Cerisara Gil (UFPR) e Luís Alberto Nogueira Alves (UFRJ), tendo Humberto Hermenegildo de Araújo como mediador, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte no dia 23 de setembro de 2008, com apoio do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem/UFRN). Destacamos nesta categoria, também, a Oficina de avaliação do projeto com vistas à elaboração do seu relatório final, que contou com a presença de pesquisadores de universidades da região Nordeste, na área mais específica de inserção regional do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da UFRN. Esse encontro foi realizado entre os dias 25 a 30 de janeiro de 2010, com a equipe organizadora formada pelos pesquisadores Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN), Cássia de Fátima Matos dos Santos (UERN), José Luiz Ferreira (UERN/UFERSA) e Maria Suely da Costa (UEPB).

Os elementos apresentados neste relatório levam a concluir que foram alcançadas as metas estabelecidas na elaboração do projeto inicial, enumeradas no item “Resultados obtidos”. Além do livro financiado pelo projeto – *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira* (2009) – faz-se necessário ressaltar a significativa produção bibliográfica da equipe, quantificada em: 06 títulos de livros publicados/organizados ou edições; 12 capítulos de livros; 24 artigos completos publicados em periódicos; 11 trabalhos completos publicados em anais de congressos; 10 resumos publicados em anais de congressos; 31 apresentações de trabalhos; 07 textos publicados em jornais de notícias/revistas.

Tais publicações tiveram como eixo básico as questões relacionadas a modernização e crítica social, a diferenças regionais, a participações de intelectuais em movimentos culturais acontecidos nas várias regiões e ao longo do século XX, considerando-se as suas relações com a tradição cultural constituída, com o sistema literário nacional.



Relatório: *Regionalismo, Modernização e Crítica Social: representações literárias do Nordeste na primeira metade do século XX*

Confirmou-se a necessidade de investir sempre na análise do texto literário como um procedimento básico para se verificar como, através das obras literárias, os elementos da cultura e os elementos mais especificamente literários (língua, temas, imagens) convergem para a formalização estética de um ritmo geral do movimento social de um determinado período. As representações regionais, com repercussões ainda na atualidade através da retomada de aspectos do regionalismo em autores diversos, continuam interferindo na funcionalidade do sistema literário, o que justifica uma permanente análise das questões relacionadas neste projeto.

No projeto inicial, ressaltávamos a importância que tinha para o pesquisador do Nordeste a participação em um grupo de pesquisa nacional, como o grupo “Formação do Brasil Moderno: literatura, cultura e sociedade”, considerando a existência nele de professores de várias universidades do País. Os resultados do projeto confirmam este fato, que se revelou como uma oportunidade muito rica de debate, atualização e aperfeiçoamento, sobretudo considerando a oportunidade de mobilizar uma equipe nacional para estudar aspectos das regiões. Neste sentido, a discussão sobre as “representações literárias do Nordeste na primeira metade do século XX” ganharam uma dimensão mais ampla no confronto com outras experiências regionais, como se pode verificar na composição dos capítulos do livro financiado pelo projeto (estudos sobre formações literárias no Rio Grande do Sul e em Goiás, por exemplo).

No que diz respeito mais especificamente ao livro *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira* (2009), os seus capítulos contemplaram questões de forma capazes de iluminar situações sociais e políticas específicas, no cruzamento de espaços e temporalidades diversas no Brasil. Neste sentido, a apresentação do livro ressalta: “O universal, que é social (Adorno), sai reforçado na literatura e na crítica, pelo deslocamento da “região natural” para conjuntos de relações complexos e irrepetíveis, que envolvem o domínio do paternalismo rural nas fazendas de São Paulo, a opressão e miséria no sertão nordestino, a violência que cerca o percurso de fuga do militante comunista no sul do país”.

Dois capítulos do referido livro têm como objeto de estudo a obra de Graciliano Ramos, concluindo sobre a capacidade do romancista de criar uma particularidade estética que consegue refletir, a partir de uma singularidade social, aspectos das relações

somente possíveis no gênero humano, já que a estética é uma forma de conhecimento que se coloca em um nível superior ao conhecimento diretamente ligado à práxis imediata da vida cotidiana, e que, no entanto, tem seu fundamento nessa práxis.

Superada a questão regional, a leitura questiona sobre o referente da forma literária de um romance brasileiro na periferia da nação periférica, e sobre o comportamento dos narradores que representam a classe trabalhadora e a classe média numa região subsumida à lógica do capital que, ao mesmo tempo, mantém formas de exploração do trabalho pré-capitalista.

Questionou-se também sobre o sentido da ausência de histórias, “causos”, ligados à tradição oral, em um romance como *Vidas Secas*, estabelecendo uma relação dessa ausência com a prática de um realismo contundente, que seleciona os elementos em presença e atua antes pela organização intensiva que pela descrição extensiva do real, além de serem vislumbradas outras motivações e consequências dessa falta. Insistindo na linha da crítica social, a leitura da obra de Graciliano Ramos procurou mostrar que todas as relações que os personagens sertanejos têm com a terra, com as pessoas, com a linguagem e com a imaginação, estão mediadas por um sistema de opressões, que os silencia, mesmo quando eles falam.

A segunda parte do livro, composta de capítulos sobre os conflitos gerados com a presença de elementos modernizadores em lugares considerados regionais, ao longo do século XX, verificou situações de modernização do mundo rural em diferentes épocas e espaços, apontando para uma aparente impossibilidade da tradição do regionalismo e do nacionalismo no mundo moderno. Neste ponto, observou-se que a compreensão do sentido do fenômeno responde a necessidades históricas – advindas sempre das desigualdades econômicas, sociais e culturais –, aparentemente enfraquecidas na contemporaneidade. Esta é uma conclusão deste projeto originado numa discussão sobre o conceito de regionalismo na literatura brasileira, em contexto de modernização e sob o prisma da crítica social.

A discussão sobre matéria localista e sobre a problemática do intelectual em relação a seu espaço de origem ganha, na terceira parte do livro, a dimensão de estudos sobre movimentos, onde são analisados movimentos literários e culturais de regiões brasileiras, do ponto de vista formativo, como o define Antonio Candido. Nesta parte,

destacamos a reflexão de Luís Augusto Fischer, sobre formação regional, cujo objetivo foi aprofundar o estatuto de “região”, de “regional”, de “regionalidade”, no quadro da formação da literatura brasileira, estabelecendo que a noção de regionalidade está, no quadro brasileiro, vinculada diretamente à experiência do poder sobre o conjunto do país, ao longo de sua formação. Segundo o pesquisador, talvez estejamos vivendo, até mesmo, um momento em que a discussão parece retomar força, certamente motivada em dois campos da experiência: por um lado, a força nova da supercirculação das informações pela via da internet, que ao menos em parte dissolve a noção de centro hegemônico no plano da inteligência e da experiência estética (mas o mantém firmemente no plano da dominação do capital e do poder militar); por outro, por outra força dissolvente, agora no plano social, representada pela virtual falência das soluções para os megaproblemas das megacidades, a nos dizer que o centro perdeu o encanto e mesmo deixou de ser necessário para a consecução da vida intelectual sofisticada (e mesmo, em vários casos, para a gestão da reprodução do capital).

O indicativo da discussão referida acima foi trazido para esta conclusão com o objetivo de sugerir que o projeto refletiu as preocupações dos pesquisadores com a atualidade da problemática focada, o que remete para a continuidade da sua discussão, com perspectivas de desdobramentos.

10. Referências Bibliográficas:

- ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- _____. *Teoria da cultura de massa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. *Teoria estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- ANDERSON, Perry. "Modernidade e revolução", in: *Novos Estudos Cebrap*. SP: n.14, fev.1986. p. 2-15.
- ARAÚJO, H. H. . A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva. *Revista Letras* (Curitiba), v. 74, p. 119-132, 2008.
- ARAÚJO, H. H. (Org.); OLIVEIRA, Irenísia Torres de (Org.). *Regionalismo, modernização e crítica social na literatura brasileira*. 1. ed. São Paulo: Nankin Editorial, 2009.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas, v. 1.



Relatório: ***Regionalismo, Modernização e Crítica Social: representações literárias do Nordeste na primeira metade do século XX***

____. *Walter Benjamin: sociologia*. Introdução, organização e tradução de Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985. (Grandes Cientistas Sociais, 50).

____. Sobre Alguns Temas em Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter et al. *Textos escolhidos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983a. p. 29-56. (Os pensadores).

____. Sobre o conceito da história . In: . *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985a. p. 222-232.

____. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: ____ . ____ . São Paulo: Brasiliense, 1985b. p. 165-196.

____. A modernidade. In: ____ . *Walter Benjamin*. (Org. Flávio R. Kothe). São Paulo: Ática, 1985c, p. 92-122.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CAMARGO, Luís G. Bueno. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006. v. 1. 712 p..

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora 34, 1999.

____. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p. 140-162.

____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. 2v.

____. Variações sobre temas da *Formação*. In: . *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002. p. 93-120.